

## 9

### Merton, precursor da espiritualidade da libertação

Cunningham, um dos maiores comentaristas sobre Merton, (editor de *Search for Solitude, Sfs*) assim se expressa: “Num sentido muito real, Merton era um teólogo da libertação *avant la parole*”.<sup>812</sup> Isso se prova no seu empenho por superar o abismo entre a América do Norte e a do Sul, mediante a solidariedade. Concretamente ele o fez no diálogo e correspondência com intelectuais e escritores latino-americanos (em especial com Ernesto Cardenal), dos quais traduziu as obras tornando-as disponíveis ao mundo anglófono. Ele até pensava em fundar um mosteiro na América do Sul como testemunho de pobreza e inserção nos meios pobres. Intuíu uma possível vocação monástica entre os pobres da América Latina. Ensinava que a luta pela paz e justiça é parte constitutiva da espiritualidade.

Seja diretamente, através de Dan Berrigan, Ernesto Cardenal, Dalai Lama ou Rosemary Ruether, seja indiretamente através de Frei Betto e outros, Merton pode ser considerado precursor da teologia e da espiritualidade da libertação. O precursor assenta as bases e aponta o caminho sobre o qual outros respectivamente vão construir e seguir. Vimos anteriormente que o itinerário espiritual de Frei Betto passa necessariamente por Merton.

Na medida em que critica a ilusão de ser a América do Norte o paraíso terrestre, Merton procura desvincular os destinos da Igreja aos interesses do governo norte-americano e seu atrelamento com o mundo ocidental. Para Merton é importante provar duas coisas, a saber: “Primeiro, que a Igreja não está comprometida em seguir o Pentágono e o Departamento de Estado em lugar nenhum, muito menos nos assuntos da América Latina. Segundo, que a Igreja tem algo próprio muito definido e relevante a dizer sobre as dimensões humanas da questão latinoamericana”.<sup>813</sup>

---

<sup>812</sup> *Sfs* XVII.

<sup>813</sup> *WF* 285.

À luz do seguimento de Jesus e da tradição bíblica, a Igreja na América do Sul, através da teologia da libertação, tem como tarefa desmascarar o ídolo que se passa pelo Deus cristão, mas na verdade é Moloc, o deus da guerra, justificador da violência e da injustiça sócio-econômica, ecológica e de gênero. A TL descobre os mecanismos de exclusão e a espiritualidade redescobre, ao invés, a experiência fontal do encontro de Jesus com o Pai, seu amor compassivo-maternal preferentemente pelos pobres e excluídos.

A teologia da libertação nasceu da compaixão diante do oceano de sofrimento que aflige a humanidade. Não só da compaixão, pois seria sentimentalismo. À *compaixão* ela busca unir a *sabedoria* para discernir as causas da opressão e exclusão, e a *coragem* para transformar a realidade. Ela resgata a memória das lutas libertadoras no passado. Ela busca responder à pergunta básica: Que significa ser seguidor de Jesus no continente latino americano, a um tempo cristão e pobre em sua esmagadora maioria, e num mundo de injustiça e exclusão? Ela então busca unir mística e profecia para realizar o projeto libertador de Deus na história, a utopia do Reino.

Já na década de 1960 surgem dentro dos EUA movimentos de resistência, desmascarando a opressão e discriminação presentes dentro do próprio país. Surge o movimento pelos direitos civis e dos negros. Crescem os movimentos contra a guerra e a corrida armamentista, contestando a pretensão do governo de ser o guardião da liberdade e democracia no mundo. Tais movimentos surgem em grande medida nas Universidades, que não querem mais ser cooptadas para pesquisas militares financiadas pelo Pentágono. Na década de 60 abalam-se os fundamentos políticos e culturais do Ocidente. Merton esteve profundamente envolvido com esses movimentos, dos quais em grande medida é o inspirador.

Perceber a realidade do sofrimento desumano levou muitos à conversão à compaixão. Entre outros, Dom Oscar Romero e muitos bispos antes conservadores que, em contato com a realidade do povo, se converteram à causa da libertação. Um tal compromisso libertador “restaura ao Evangelho a credibilidade que ele tinha no início e nos grandes períodos de santidade e testemunho profético na história”.<sup>814</sup>

---

<sup>814</sup> BOFF, C e BOFF, L. *Introducing Liberation Theology*. Nova Iorque: Orbis Books, 1987, p. 8.

A teologia da libertação tem profundas bases bíblicas. Toma a Bíblia por inteiro, mas tem preferência por certos livros que falam diretamente da vida do povo. Entre eles o Êxodo, que perfaz o itinerário espiritual do povo, e o livro da Sabedoria, porque resgata a sabedoria popular carregada de resistência e solidariedade, e animando na prática os mutirões contra a fome.

Surgiram movimentos de libertação no Brasil desde os primórdios de nossa história. Basta citar os quilombos e as reduções jesuíticas como formas de resistência à opressão de negros e índios respectivamente. Mas foi a partir da década de 60 que eles se espalharam, tornando-se um clamor generalizado no continente latino americano.

A teologia da libertação surge dentro de um contexto histórico bem concreto. Lembramos algumas etapas fundamentais: A década de 1950 foi caracterizada por grande otimismo. A economia norte-americana se recuperou da Grande Depressão. O governo norte-americano se auto-proclamou defensor da liberdade e da democracia no mundo. Vigorava um modelo econômico desenvolvimentista, que era imposto aos outros países, com a ajuda dos EUA, se quisessem superar o sub-desenvolvimento. Mas esse modelo criou dependência e aprofundou o abismo entre países ricos e pobres.

Num tal contexto, as Igrejas cristãs não podiam ficar indiferentes. Ou se apegavam aos privilégios concedidos pelos poderes constituídos, ou assumiam o clamor do povo, com todas as conseqüências que isso implica, como a possibilidade do martírio. Uma parte significativa da hierarquia, do clero e do povo de Deus assumiu tal luta.

A década de 80 e 90 viu o fim das utopias e a noite escura dos pobres. Caiu o socialismo real, cujo símbolo foi a queda do Muro de Berlim. Também fracassou a revolução sandinista na Nicarágua, onde a solidariedade foi vivida concretamente por milhares de jovens que se dedicavam durante semanas e meses ao trabalho de alfabetização de camponeses e índios nas montanhas da costa Atlântica e na colheita de café, ajudando os pobres nos lugares retirados, sem receber qualquer remuneração. Por todo o continente viu-se uma guinada à direita, cuja causa vinha de fora.

A política belicista de Reagan contribuiu para isso (financiando a contra-revolução na América Central e do Sul e financiando inúmeras seitas que desceram do Norte, procurando abafar o clamor por libertação e alienar o povo).

Sem verdadeira experiência mística, o que seria uma ameaça às suas pretensões religiosas, os líderes religiosos evangélicos buscam manter a (des)ordem constituída e defender uma ideologia da prosperidade, baseada no modelo norte americano, respaldados por imensa ajuda econômica. Esas seitas alienantes que invadiram nosso continente pregam uma religião individualista, e de plenitude intramundana.

Não por último, o papel da mídia introjetando por toda a parte, inclusive nas favelas e nos cantos mais distantes do país, os contravalores do consumo e da ideologia norte-americana. O papel da mídia foi muito eficaz, pois fornecia um elemento fundamental da vida humana, que a luta e resistência não conseguiram dar: a beleza, o sonho, a fantasia de viver, ao menos nas novelas, o mesmo padrão de vida dos ricos. Destarte, a hora da novela das oito tornou-se sagrada, esvaziando as ruas, e impedindo qualquer evento religioso programado para essa hora. A TV tornou-se um substituto da religião. A linguagem religiosa foi seqüestrada e aplicada aos ídolos do esporte, das novelas e da moda. Seu agente passou a ser o mercado, que promete a visão beatífica do consumismo, e da satisfação imediata<sup>815</sup>.

Se nas décadas de 60, 70 e 80 havia uma maior abertura ao mundo, uma vontade de transformar a realidade, na década de 90 parece haver uma tendência a se voltar para dentro de si mesmo. Isso parece suprir uma lacuna deixada pela teologia da libertação, que aparentemente não se preocupava muito em construir a pessoa, a ajudá-la a integrar sua afetividade, e a abrir-se para a dimensão da beleza. Agora, porém, a teologia da libertação busca adaptar-se a essa nova realidade, ajudando a construir e libertar a pessoa, valorizando a gratuidade do lúdico da celebração e da contemplação. Dom Pedro Casaldáliga sintetiza muito bem esse empenho quando diz: “Toda a pessoa sente um chamado para se voltar a seu interior, tomando consciência de seus próprios alicerces pessoais, para apalpar de vez em quando a rocha sobre a qual se assenta a sua vida, para saborear as certezas profundas que alimentam seu caminhar”.<sup>816</sup>

Ao propor uma tal tarefa, ele nos insta a superar a cultura consumista por uma cultura contemplativa, que vença a desagregação, a infelicidade, o vazio da

---

<sup>815</sup> *MnI* 274.

<sup>816</sup> *EdL* 147.

pessoa humana e dar atenção a aspectos descuidados, recompondo o mundo interior. Isso ajuda a seguir em frente na luta e oxigenar a existência.<sup>817</sup>

Resumindo, a teologia da libertação enquanto pura reflexão é insuficiente. Precisa de uma espiritualidade da libertação, que é uma vida qualificada pelo Espírito, o qual liberta de tudo o que impede viver como filhos e filhas de Deus e nos liberta para amar e entrar em comunhão com Deus, com as irmãs e irmãos de caminhada e com a ecologia. É a forma de viver o Evangelho em solidariedade, fruto de experiência espiritual intensa, de encontro com o Senhor que se transforma em compaixão e ação. Supõe gratuidade e conversão. Gratuidade da oração, meditação e contemplação, e conversão ao próximo.<sup>818</sup> É o que veremos a seguir.

### 9.1. A Espiritualidade da Libertação

A teologia da libertação surge de uma espiritualidade da libertação. Refere-se ao seguimento de Jesus e antecede a teologia da libertação. Significativamente, Gustavo Gutierrez, o primeiro a escrever uma obra sobre espiritualidade da libertação, dá como título: *Beber do Próprio Poço*. É uma alusão explícita a São Bernardo, de cuja obra intitulada *De Consideratione* ele extrai a epígrafe “*Bibet de fonte putei sui primus ipse*”. Como dissemos anteriormente ( I Parte, Cap III) Bernardo aconselha o seu filho espiritual que se tornou Papa, Eugênio III, a não se deixar sucumbir pelo fascínio do poder, mas que deve reservar tempo para a gratuidade da oração, meditação e contemplação, sem o que tudo o mais perde o sentido. Ele deve beber na fonte oculta da contemplação.<sup>819</sup>

A espiritualidade da libertação também busca beber na fonte da contemplação, no seguimento de Jesus numa vida segundo o Espírito. Gutierrez

---

<sup>817</sup> Frei Betto também destaca a importância de se valorizar a dimensão pessoal, quando diz: “É muito importante assumirmos os prazeres que nos fazem bem. Não tenha escrúpulos em fazer aquilo que permita que você se equilibre, que o faça sereno, que lhe permite descarregar suas energias e recompô-las para continuar na luta. Senão a gente começa a bater pino. Tem uma hora que a natureza cobra caro. É depressão, crise, estafa, estresse, perda das defesas imunológicas... Precisamos de espaços de gratuidade, não só de necessidade: do lazer, do lúdico, do festivo, da celebração, da contemplação e da ociosidade. É necessário cuidar-se e não ter medo de ser feliz”. *Mística e Espiritualidade*, Op. cit. p. 155.

<sup>818</sup> GUTIERREZ, Gustavo. *A Theology of Liberation*. Nova Iorque: Orbis Books, 1973, p. 203ss.

testemunha que, concomitante ao crescimento da solidariedade, cresce o tempo de oração entre as comunidades cristãs do nosso Continente. “Inseridos no processo de libertação no qual os povos da América Latina estão engajados, nós vivemos a partir do dom da fé, esperança e caridade que nos tornam disponíveis ao Senhor. Essa experiência é o nosso poço. E a água que dele surge nos purifica continuamente... e abastece com o elemento vital necessário para o novo chão frutificar”.<sup>820</sup>

No encontro com o Senhor deve crescer a indignação diante das estruturas do mal. Seguir Jesus nesse Continente e no mundo globalizado de hoje significa situar-se na encruzilhada entre o antireino e o Reino de Deus. Seguir Jesus agora significa não ser consumidores de espiritualidade individualista, racionalista e cheia de verborréia, disponível hoje no multiforme mercado religioso.

A espiritualidade da libertação busca basicamente recuperar a experiência do encontro original de Jesus com o mistério de Deus. É uma experiência fontal, libertadora. O silêncio é fundamental para a espiritualidade, pois corrige o excesso de palavras. Como diz muito bem frei Clodovis Boff: “*Silentium docet*”...“A teologia espiritual situa-se entre dois silêncios: O silêncio da escuta e da adoração, e o silêncio do amor e do serviço... O esplendor da teologia; esse fogo devorador entre duas noites, dois abismos: a adoração e a obediência”.<sup>821</sup>

A espiritualidade da libertação acentua a transcendência de Deus, sim, mas sobretudo sua imanência no aqui e agora da história. Ela se manifesta como *dom* e como desafio. No dom da criação, da qual fazemos parte e fomos feitos do pó da terra na mesma familiaridade que nos une a todos os seres humanos e não humanos (orgânicos e inorgânicos). Ela se manifesta como *desafio* no imperativo moral de cuidar do Planeta, de não matar, não poluir, de reconhecer a imagem de Deus e respeitá-la nas mulheres e homens.

Sinais indicadores dessa presença estão nos movimentos feministas, antinucleares, na luta pela terra, pela moradia, saúde, pela eliminação da fome e da exclusão social. Enfim, na utopia de criar “uma nova ordem mundial na qual

---

<sup>819</sup> GILSON, Etienne. *Theologie et histoire de la spiritualité*. Paris: Vrin, 1943. Apud GUTIERREZ, Gustavo. *Beber em Seu Próprio Poço: Itinerário Espiritual de um Povo*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 15.

<sup>820</sup> GUTIERREZ, G. *We Drink From Our Own Wells: The Spiritual Journey of a People*. 3a ed. Nova Iorque: Orbis Books, 1984, p. 5.

não exista mais dualismo entre centro e periferia, entre desenvolvidos e em desenvolvimento; um mundo em que haja tantos centros quantos povos e nações existem na terra, cada um buscando o seu modelo de crescimento e recusando medir-se por padrões de desenvolvimento emprestados ou impostos por outros”.<sup>822</sup>

A espiritualidade da libertação está alerta porque sabe que o encontro com o Transcendente pode ser pervertido na criação de um ídolo opressor; que no discurso e na prática dos líderes religiosos e políticos justifica a violência e a guerra; que se coloca do lado dos ricos e deixa indefesos os pobres; que é intransigente com a moral genital dos seus fiéis, mas insensível com a exploração e a injustiça; que é zeloso pelos que não nasceram, mas indiferente aos já nascidos, marcados para morrer prematuramente, vítimas da violência sistêmica.<sup>823</sup>

A espiritualidade da libertação desmascara esse falso deus e redescobre o encontro fontal de Jesus com o Pai como libertador da pessoa e da criação. Ela busca superar as distorções idolátricas de Deus ao longo da história, a ponto de se transformar em um Moloc com as mãos sujas de sangue, legitimando a guerra e todas as formas de violência. Esse não é o Deus de Jesus, compassivo e de entranhas maternas.

Então a contemplação do sofrimento leva à ação e ao serviço contemplativo: o Cristo encontrado por mim na oração leva ao Cristo presente no outro, numa liturgia agradável a Deus. Assim, a espiritualidade da libertação se inspira na vida e sofrimento de Jesus, que também fez uma opção preferencial pelos pobres, à luz de sua experiência de encontro com o mistério fontal de Deus, e cuja morte não foi fatalidade, mas conseqüência de sua ação solidária em favor de todos.

A espiritualidade da libertação é também uma espiritualidade baseada no seguimento de Jesus, na fé trinitária da Igreja e no testemunho dos mártires do Continente, solidária com os pobres, sabendo que Jesus também é vítima junto com tantas vítimas de hoje. Seguimento é a resposta ao convite de Jesus a continuar sua obra libertadora no mundo. Resposta que supõe conversão

---

<sup>821</sup> BOFF, Clodovis. Retorno à *arche* da teologia. *Sarça Ardente*. Teologia na América Latina: Prospectivas. SUSIN, Luis Carlos (Org.). São Paulo: Paulus, 2000, p. 161.

<sup>822</sup> KAPPEN, Sebastian. Spirituality in the New Age of Recolonization. Nova Iorque: Orbis Books. *Concilium*. v.4, 1994, p. 31-33.

<sup>823</sup> KAPPEN, S. Op., cit., p.27-29.

permanente. Pois precisamos reconhecer que a violência, o preconceito e a ganância estão presentes em cada um de nós. Vai haver igualdade social e racial quando os negros converterem os brancos<sup>824</sup>.

E no empenho pela fome zero, estamos reconhecendo a presença da ganância em nós mesmos. O olhar amoroso e compassivo de Jesus liberta não só o oprimido, mas também o opressor; liberta não só o negro, mas também o branco; liberta não só a mulher, mas também o homem. Deus como Senhor da história age revelando-se como libertador das estruturas de morte. “Se quisermos estar onde Deus está, não adianta apegarmo-nos a políticas arrogantes e isolacionistas ou à auto-afirmação de um patriotismo beligerante. Temos a chance melhor de uma experiência numinosa em nossa nova vulnerabilidade, que o projeto divino, de certa forma, compartilha”.<sup>825</sup>

O que nos pede o seguimento de Jesus no mundo de hoje, onde há tantas crenças e ofertas religiosas? A orientação da Igreja no Brasil é clara: “Seguir a Jesus no mundo de hoje, complexo e fragmentado, comporta superar certo tipo de espiritualidade negativista e passiva... (comporta) abertura aos outros... solidariedade... pela vivência do amor e da fraternidade... Num mundo saturado por propaganda e informação de toda espécie, percorrido por discursos e apelos religiosos variados... ser testemunho de pobreza, desapego e fidelidade frente aos poderes deste mundo”.<sup>826</sup>

O contributo de Merton influenciou a Igreja de seu tempo. Ele foi um dos precursores do ecumenismo e do macroecumenismo, reunindo no seu Mosteiro e eremitério pessoas de diferentes denominações cristãs e também de diferentes religiões da humanidade, particularmente judeus, muçulmanos e hindus. Merece destaque o chamado ‘Encontro do Getsemani’. Ao mesmo tempo viveu o compromisso no mundo, numa espiritualidade militante que busca transformar a realidade na luz do Espírito de Deus, para deixá-la mais próxima do Reino.

Podemos dizer que a espiritualidade da libertação refaz a experiência do encontro com o mistério fontal de Deus (*mística*). É o encontro com o Senhor da história, que se identifica com os pobres e excluídos, que formam continentes

<sup>824</sup> Pfp 154ss.

<sup>825</sup> ARMSTRONG, Karen. Seeing Things as They Really Are. *Walking with God in a Fragile World*. Nova Iorque: Littlefield Publishers. 2003, p. 117.

<sup>826</sup> DOCUMENTOS DA CNBB. N. 61. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 1999-2002*. São Paulo: Paulinas. 1999, p. 66.

inteiros (*compaixão*). Gustavo se pergunta: Onde dormirão os pobres?<sup>827</sup> Ainda hoje Jesus continua a dizer: “Tenho fome...” (Mt 25). É todo o povo de Deus que está nesse caminho e refaz o percurso do êxodo da opressão para a libertação, atravessando a noite escura da injustiça e se encaminhando para a terra prometida (Ex 3).

Destarte, a teologia da libertação está fundamentada numa espiritualidade profundamente mística, bíblica e comunitária, e que, ao mesmo tempo, assume o sofrimento e a busca de libertação integral do ser humano e da sociedade. O seguimento do Jesus kenótico tornou-se o critério para a espiritualidade da libertação, tanto política, quanto feminista, quanto negra. Ela percebeu que a Bíblia não é só fonte de verdade e salvação, mas também de violência e discriminação. Faz-se necessária então uma leitura ecumênica, macroecumênica e libertadora da Bíblia e da Tradição.

Merton descobriu o mundo fora de nós e a contemplação dentro de nós. Modelo de globalização, teólogo da ecologia, do feminismo. Ensinou uma atividade contemplativa e uma contemplação ativa. Apegar-se a Deus e repensar o mundo. A contribuição que Merton deixou consiste em aprender a ver o mundo como Deus o vê. Unicamente apegando-nos a Deus podemos ter a força de transformar o mundo.

Merton foi, é e será no futuro um ícone, por ter investido sua existência inteira no empenho de tornar o mundo melhor. Empenhou-se, a partir de sua espiritualidade, por preservar e conservar o meio ambiente. Superando barreiras e divisões, buscou construir pontes entre o Norte e o Sul, o Ocidente e o Oriente, não só na sociedade e na cultura, mas sobretudo na religião. Mostrou concretamente no seu encontro com representantes de outras persuasões religiosas que a religião pode ser fonte de unidade com vistas a salvar o Planeta Terra e não só causa de violência no mundo.

A espiritualidade vivida por Merton tem uma dupla dimensão: ela é íntima e pessoal, mas com ressonâncias comunitárias e sociais. Merton é um representante paradigmático de seu século. Ele é o paradigma da passagem da modernidade para a pós-modernidade. Experimentou com tanta paixão a verdade e a beleza de Deus, que se tornou arquétipo para milhares de pessoas no mundo inteiro. Tal paixão

---

<sup>827</sup> GUTIERREZ, Gustavo. *Onde dormirão os Pobres?* São Paulo: Paulinas, 1998.

levou-o a *descer a montanha* para se encontrar com os reais problemas do mundo, como a injustiça social, econômica, racial, etc. Seu contributo consistiu em viver o espírito de gratuidade, mostrando que Deus está além da utilidade e da inutilidade, que “perder tempo” com Ele na mística e na oração é a suprema realização do desejo humano.

Merton não viveu egoisticamente centrado sobre si mesmo, em contemplação alienante e estéril, mas incluiu a humanidade inteira em sua mística e compaixão. Assim ajudou milhares de pessoas a fazer a experiência de Deus, acentuando a espiritualidade sobre a disputa, vencendo o provincianismo da Igreja católica pré-conciliar de então, marcada pelo medo e por um moralismo estreito. O mesmo desafio ele lança hoje à igreja norte-americana, que parece ter perdido a profecia e é conivente com o cristianismo americanista messiânico, em torno de um novo “*führer*”. Merton foi ele mesmo livre e libertador, e mostrou em sua vida e obra que Deus é a garantia da liberdade e felicidade humanas.

Merton nunca quis ter seguidores. Tinha horror à possibilidade de formar discípulos. Seu único alvo era “levar outras pessoas a seguir a Cristo”.<sup>828</sup> E o que significa seguir a Cristo no contexto latino-americano e no mundo globalizado de hoje? No encontro com os teólogos latino-americanos, que explicitaram a espiritualidade da libertação centrada na mensagem do Reino de Deus como utopia de vida para todos vai ser possível responder a essa pergunta, a seguir.

Agora retomamos a pergunta anterior: Que significa o seguimento de Jesus hoje, num mundo fragilizado? À luz da vida, obra e escritos de Merton podemos responder: significa antes de mais nada ser não-violento como Jesus, preferindo morrer a aumentar a espiral de violência. Mas resistir ao mal, e ser solidário com as vítimas do mal. Eis em que consiste a espiritualidade da libertação. Ela é uma abertura ao mundo humano e não humano (a terra, as plantas e os animais).

Merton foi pioneiro na busca da união entre contemplação e justiça social. Ele supera uma espiritualidade abstrata, atemporal e acósmica. Em sua época tal síntese era bem rara. Hoje está confirmada nos documentos oficiais da Igreja. Merton é o cristão do futuro. Ele foi também precursor da crítica profética frente à Igreja e a sociedade, e da necessidade de ser íntegro na vida pessoal, frente a uma sociedade corrupta. Esses três tópicos perpassam toda a sua vida e obra e

---

<sup>828</sup> *SfS* 1.

constituem seu legado e contributo mais preciosos. Ele ajudou a florescer a vida monástica no mundo de hoje.

O contributo mertoniano, além de novo é ousado por nos ensinar que Deus está para além da utilidade e da inutilidade. Daí que ele valoriza a gratuidade, a alegria de ser e de contemplar a presença divina transbordante na criação e também nas outras tradições religiosas da humanidade. Mas sem fugir à luta. Lutar pela causa da paz, da justiça, da unidade das religiões e da humanidade inteira, que navega nas águas turbulentas da história e pode sucumbir ou chegar a um porto seguro.

O contributo mertoniano novo e ousado é, porém, tão antigo como os profetas bíblicos. Resume-se na bela síntese de Miquéias 6,6-8: “Já te foi dito, ó homem, o que é bom e o que Deus reclama de ti: Nada mais que cumprir a justiça, amar com ternura e caminhar humildemente com o teu Deus”.

### 9.1.1.

#### **A espiritualidade da resistência: A dimensão espiritual da não violência**

A espiritualidade de resistência em Merton mergulha suas raízes na atitude dos profetas, de Jesus e também na atitude dos pais e mães do deserto. Elas e eles resistiram ao modelo de sociedade imperial decadente e a um modelo de igreja que se sentia à vontade nele, idolatricamente.<sup>829</sup> Quando o cristianismo se tornou religião oficial do Estado no séc. IV, a utopia profética de Jesus ficou degenerada, marginalizada e esquecida. Elas e eles não negavam a bondade da criação. Também no século XI surge o movimento dos eremitas leigos, que pregavam aos pobres e abandonados, quando não havia pregadores oficiais. São os precursores dos franciscanos.

Merton fez de sua vocação monástica, sacerdotal e eremítica, um foco de resistência não violenta contra a violência e injustiça presentes no mundo. Foi no estudo profundo da Bíblia que ele descobriu as bases de uma teologia da libertação e da resistência. Ela é um convite a resistir aos poderes desumanizadores e opressores, confiando na promessa oculta de Deus mais do que

---

<sup>829</sup> aHW 37.

nas alianças políticas.<sup>830</sup> Resistir à adoração dos ídolos do cinema, do esporte e do sucesso. Resistir à ilusão de uma plenitude intramundana sem Deus. Eis a contrapartida de uma dedicação integral a Deus (1Reis 8, 60-61), com paixão infinita. Ele insiste em que os destinatários da mensagem libertadora são preferentemente os pobres, excluídos, oprimidos e desfavorecidos. Nesse sentido até a escatologia mística e revolucionária de Marx tem bases na longa tradição profética.

Merton fala claramente em teologia da resistência (*FV* 3), apresentando como modelos Jesus, Martin Luther King, Gandhi, Simone Weil, padre Alfred Delp S.J., Franz Jagerstatter e, não por último, Dietrich Bonhoeffer, como vimos na II Parte. Tais modelos resistiram aceitar passivamente a violência cometida pelos poderes constituídos, mesmo com o aval da hierarquia católica e protestante, que respaldava um governo ateu e opressor como o de Hitler (Bonhoeffer e a Igreja Confessante formam honrosa exceção). Por isso Merton escreveu: “Uma teologia do amor não pode ser sentimental... nem servir aos interesses dos ricos e poderosos, justificando suas guerras, sua violência e suas bombas, e ao mesmo tempo exortando os pobres e desfavorecidos a praticar a paciência, mansidão, e suportar o sofrimento”.<sup>831</sup>

Merton também inspirou a espiritualidade da resistência, com sua prática da não-violência, que os seus seguidores levaram adiante em várias frentes: passeatas contra a violência, vigílias de oração diante dos submarinos atômicos Trident, ações de solidariedade, etc. Verdadeiro testemunho profético, ação transformadora brotada da experiência contemplativa de Deus. A espiritualidade da resistência inclui baixo-assinados, comunicados à imprensa, objeção de consciência, vigílias, jejum e oração.

Tais meios nos capacitam a amar a nós mesmos, as pessoas que encontramos no dia a dia, particularmente os pobres, e inclusive os inimigos. Pois, “se não conseguimos amar Saddam Hussein, não conseguiremos amar ninguém. Que significa amar Saddam Hussein? Significa resistir de forma não violenta aos

---

<sup>830</sup> *OB* 50-51.

<sup>831</sup> *FV* 8-9.

planos do governo americano de matá-lo a ele e a o seu povo. E então, também, da mesma forma desafiá-lo a parar com a sua própria violência opressora”.<sup>832</sup>

Merton é um dos inspiradores da *Fellowship of Reconciliation*. Seu atual presidente, o jesuíta John Dear desenvolve uma profunda espiritualidade de resistência, unindo contemplação e ação. Por exemplo, ele pode constatar *in loco* no Iraque o massacre da população durante os dez anos de sanções econômicas, políticas e militares por parte dos EUA/ONU. A destruição dos sistemas de saúde, saneamento básico e agricultura, e a contaminação da água. Conta o dramático caso do extermínio de mil e duzentas mulheres, crianças e idosos em 1991, num abrigo onde se celebrava uma festa de aniversário, ocasião em que foram atingidos por duas bombas inteligentes. Foi uma devastação parecida com Hiroshima e Nagasaki. Emocionado, ele pediu perdão, por ser cidadão norte-americano, e cúmplice da violência. Também prometeu trabalhar pelo fim das sanções. Foi preso por várias vezes, como também Daniel Berrigan.<sup>833</sup>

A espiritualidade da resistência também é proposta por Rosemary Radford Ruether, que vê na situação atual uma interpelação às igrejas, tão urgente e grave como na época do nazismo alemão. Estamos diante de um novo desafio semelhante ao da Igreja Confessante na Alemanha, que na Confissão de Barmen, elaborada por Barth e Bonhoeffer não se submeteu, mas resistiu à profanação e demonização do nome de Deus.

A compaixão, em situações de violência e injustiça muito flagrantes, pode se transformar em resistência. Aí o monge tem direito e dever de exercer sua missão profética dizendo: essa guerra é injusta, onde irmãos estão matando irmãos. A espiritualidade da resistência tem seu preço, que pode ser a prisão e a morte. James Douglas dedica a Berrigan e a Merton sua obra significativamente intitulada *Resistência e Contemplação*. Nela descreve seu julgamento e prisão por desobediência civil durante a Guerra do Vietnã. Diz ele: “Estou sendo julgado porque percebi a natureza da situação global e agora assumo minha

---

<sup>832</sup> DEAR, J. *Living Peace: A Spirituality of Contemplation and Action*. Nova Iorque: Doubleday, 2001, p. 189.

<sup>833</sup> DEAR, John. *Living Peace: A Spirituality of Contemplation and Action*. Nova Iorque: Doubleday, 2001, p. 181-185.

responsabilidade em resistir ao assassinato em massa na própria fonte nos EUA”.<sup>834</sup>

Em 2003 Dan Berrigan foi interpelado no Thomas Merton Studies Center: Qual a atitude que devemos tomar diante da política belicista de George Bush? Ele respondeu que devemos tomar uma dupla atitude: “orar por ele, e resistir a ele”.<sup>835</sup> Unicamente a resistência de pessoas conscientes e informadas, não iludidas pela propaganda do Estado, será capaz de eliminar os quatro males que vislumbramos poderão recair sobre os EUA e a humanidade:

- Um estado de guerra permanente, (existem até agora 725 bases militares fora dos EUA, assegurando a hegemonia norte-americana sobre o mundo);
- o fim da república, com implantação de uma ditadura nacional norte-americana, a perda da democracia interna e dos direitos constitucionais dentro do país, transformado num Estado policial pelo eclipsar do Congresso e pela pentagonização da presidência;
- a manipulação dos fatos pela propaganda e desinformação, que glorifica a guerra, o poder e a violência;
- a bancarrota econômica, em que o dinheiro dos contribuintes e os recursos econômicos são investidos em projetos militares fabulosos, em detrimento da saúde, moradia, habitação, etc. A única esperança de mudar essa situação será a resistência moral, social, política e espiritual da camada bem informada da população, “revoltada com as mentiras de seus líderes políticos que já causaram a morte de muitos seres humanos”.<sup>836</sup>

A espiritualidade de resistência busca superar a noite escura da injustiça, a perda da esperança utópica no Reino de Deus e o esvaziamento do amor. Atualmente surgiram muitos movimentos proféticos de resistência e em favor da libertação dos excluídos, da causa feminista, da integridade da criação, como os movimentos ecológicos e antinucleares. Eles resistem à ideologia hegemônica, que procura incutir a idéia do fim das utopias, por causa da queda do socialismo soviético. O que caiu foi uma versão totalitária e perversa da utopia, que é bem

---

<sup>834</sup> DOUGLAS, James. *Resistance and Contemplation*. Nova Iorque: Doubleday, 1972, p. 157-158.

<sup>835</sup> BERRIGAN, Daniel. *Thomas Merton, a Não-Violência e Eu*. Palestra proferida no Thomas Merton Studies Center na Bellarmine University em 16/abril/2004.

<sup>836</sup> CHALMER, Johnson. *The Sorrows of The Empire*. Nova Iorque: Metropolitan Books, 2004, p. 285. Cf., *The Catholic Worker*. Book Review. Jun-jul 2004, p. 6-7.

anterior e tem dimensão escatológica: espera novos céus e nova terra onde habitará a justiça. Utopia de pão e beleza.

Atualmente precisamos resistir também à contra utopia manifestada na religião do mercado, que apresenta uma mística intramundana, e uma visão beatífica não de leite e mel, mas de consumo beatífico, como dissemos. Para isso é fundamental a conversão pessoal a uma vida mais simples e pobre, que elimine o supérfluo. Enfim, somos convidados a levar uma vida mais evangélica, que nos capacite melhor ao seguimento de Jesus hoje.

Insistimos: Qual é a vocação dos seguidores de Jesus hoje? Num mundo de violência e injustiça, devemos implantar o Reino de Deus de justiça e paz. Primeiramente resistindo ao anti-reino. Não só fazer o bem, mas resistir ao mal. Muito do que Merton escreveu contra a guerra do Vietnam aplica-se hoje às atrocidades cometidas no Iraque, Afeganistão, Sudão, Haiti. Ele propõe uma leitura a partir das vítimas e não das estatísticas. Cifras revelam apenas o número de inimigos a serem eliminados. Ditam-se ordens eletronicamente, a partir de confortáveis salões, onde se projeta a morte de milhares de seres humanos, cujo rosto jamais se vê, e pelos quais nunca se assume responsabilidade, nem perante Deus nem perante a história.

Num mundo em que há bilhões de pessoas na pobreza e miséria, os países ricos não podem ter a ilusão de se sentir seguros. Os episódios de 11 de setembro de 2001 revelaram uma violência latente e que se tornou manifesta. Por mais que hoje a administração Bush faça tudo para ignorar a injustiça no mundo, há um momento em que as vítimas dela invadem a segurança interna de seu país. O dia 11 de setembro de 2001 mostrou a vulnerabilidade da grande potência hegemônica atual. Mas não impediu que ela atacasse um país mais vulnerável ainda, já debilitado por dez anos de guerra. Na espiritualidade dos Pais e Mães do deserto, como vimos, havia oposição aos desmandos do Estado. A religião norte-americana, ao contrário, em grande parte é feita de um conformismo com um estado corrupto, violento e mentiroso.

Espiritualidade da resistência é deixar Deus ser Deus, não adorando os sistemas e os senhores da guerra, da violência e da injustiça racial e econômica, e do fanatismo religioso. Consiste em resistir até à morte, como fizeram e fazem inúmeros mártires da fé. Impossível esquecer o testemunho dos 7 monges trapistas franceses missionários na Argélia, no mosteiro do Atlas em Tibirine em 1996.

Foram vítimas do fanatismo religioso e político. Assumiram a culpa dos opressores colonialistas da França, sofrendo por tudo, por nada e por Deus. Expiaram com a vida. Preferiram morrer a abandonar o posto de sentinelas vigilantes sobre a montanha da contemplação, onde fizeram seus votos de estabilidade, mesmo sabendo que corriam risco de vida. São paradigmas da espiritualidade da resistência, num país do Terceiro mundo<sup>837</sup>.

Assim, amar os inimigos não significa compactuar ingênua e cegamente com a violência por eles praticada. Significa não cooperar com as forças geradoras do mal e da exclusão. A resistência ao mal supõe estar vigilante em oração diante dos perigos de uma catástrofe nuclear, ecológica e terrorista, que ronda o mundo cada vez mais fragilizado e vulnerável.<sup>838</sup> Não podemos estar estoicamente apáticos, mas assumir as dores do sofrimento inevitável que o amor implica. Realizando a obra de Deus no mundo, podemos deixar que ele cuide de nossa própria fragilidade pessoal.

Em resumo, a espiritualidade da resistência consiste em transformar a visão individualista do neoliberalismo atual, pela visão cristã do ser humano, feito à imagem de Deus, ponto nevrálgico da antropologia e espiritualidade mertonianas. Também consiste em contrapor: a competição selvagem, pela civilização do amor; a idéia de uma mão invisível dirigindo a economia, pela fé na Providência divina; o primado da economia, pelo primado da espiritualidade; a religião privatizada, em fermento para transformar o mundo; a guerra e a corrida armamentista como fatores de progresso econômico nacional, pela beatitude da paz; a lei da selva, pelo Sermão da Montanha; enfim, substituir a competição, pela solidariedade.

### **9.1.2. A espiritualidade da solidariedade**

Não só a espiritualidade de resistência, mas também a de solidariedade, constituem o núcleo central da espiritualidade da libertação. Merton nunca quis

---

<sup>838</sup> No momento em que escrevemos o presente capítulo da tese, (11 de agosto de 2004), o jornal *The New York Times* apresenta em machete um artigo intitulado: "The American Hiroshima". Trata de um bem provável ataque com armas nucleares sobre Nova Iorque, perpetrado pela Al Qaeda sob o comando de Bin Laden. O governo Bush explora o medo como um recurso psicológico a seu favor, elevando o nível máximo de alerta, e se auto-apresentando como a única pessoa capaz de trazer segurança ao povo. Essa busca infantil de (pseudo) segurança é o motor da campanha presidencial republicana. Merton já alertava que "na raiz da guerra está o medo".(NSC).

ser o representante espiritual da sociedade norte-americana, cultural e religiosamente decadente, protegida por submarinos atômicos munidos de mísseis balísticos de longo alcance. Pelo contrário, quis se mover para a periferia do mundo, junto com os índios, negros e pobres, nalgum lugar da América Central ou do Sul, em *solidariedade* com os excluídos.<sup>839</sup> Em 16 de janeiro de 1962 ele escreveu à Irmã Maria Emanuela de Petrópolis que, como cristãos, temos responsabilidade de “resolver os problemas de nossos países, e ao mesmo tempo reconhecer nossa responsabilidade maior por toda a raça humana”.<sup>840</sup>

A espiritualidade da resistência não é *fuga mundi*, pelo contrário, é condição para uma espiritualidade da solidariedade, não com as forças do mal, geradoras da violência e da injustiça, mas com suas vítimas e com os excluídos. Ela nos desafia a ouvir o clamor dos pobres, marginalizados e vitimizados, e a assumir como nosso o seu calado apelo por uma vida humana integral. Ao mesmo tempo devemos reconhecer nossa culpa por sermos parte da mesma engrenagem que gera exclusão; não por último, devemos também pedir perdão pelo egoísmo e avareza gerados em nós pelos apelos consumistas, aos quais não conseguimos resistir. Enfim, a espiritualidade de resistência nos capacita a vencer o fatalismo como destino inevitável e a exclusão como proposta social. É a resistência contra o capitalismo “homicida agora e suicida depois”.<sup>841</sup> Sim, devemos resistir à política de Bush, que é uma “liturgia da mentira” e um “pontificado da ignorância infalível”, como diria Merton.<sup>842</sup>

A espiritualidade da solidariedade está se tornando a forma mais notável da experiência religiosa cristã no século XXI. É o contraponto aos males da globalização, como a exclusão e a marginalização. Talvez nenhum outro conceito teológico tenha tanta força para expressar o seguimento de Jesus hoje. E, se “compaixão” é um termo mais bíblico, solidariedade desentranha melhor para hoje as implicações do Evangelho e a identificação com os pobres e excluídos. Ela está mais próxima da Encarnação. Solidariedade é uma virtude cristã capaz de reinterpretar todas as nossas práticas religiosas, éticas e ascéticas. Assim, por exemplo, o jejum pode ser interpretado como uma prática ascética de

<sup>839</sup> *SfS* 299.

<sup>840</sup> *HGL* 186.

<sup>841</sup> VIGIL, José Maria. *Aunque es de Noche: Hipótesis psico-teológicas sobre la “hora espiritual” de América Latina em los 90*. Bogotá: Verbo Divino, 1996, p. 7-9.

<sup>842</sup> *CT* 182.

solidariedade com as milhares de pessoas que no mundo de hoje passam fome e necessidade. A verdadeira solidariedade impede um dualismo entre ação e contemplação. Liberta a espiritualidade de possíveis equívocos, como o refugiar-se numa tranqüilidade solitária.

A espiritualidade da solidariedade em Merton tem sua base principal na cristologia da encarnação do Verbo. É ela que nos permite o mesmo movimento descendente de Deus à humanidade (*descensus Dei*). Supõe kénosis enquanto abertura à compaixão. É uma espiritualidade muito necessária nos dias de hoje e tem uma dimensão ecumênica. O Conselho Mundial de Igrejas, nos seus documentos mais recentes, reiteradas vezes nos interpela a cultivá-la. Basta elencar o *Dicionário do Movimento Ecumênico*, em sua segunda edição, quando diz: “A encarnação de Jesus Cristo nos declara que, quanto mais próximos da realidade nós chegarmos, tanto mais próximos de Deus, e quanto maior o esmero na análise da realidade, tanto mais intimamente vamos sofrer e participar na obra redentora e criadora de Deus”.<sup>843</sup>

Também o papa João Paulo II, em sua Encíclica *Ut Unum sint*, na qual promove o ecumenismo, menciona a espiritualidade da “solidariedade no serviço à humanidade”. Ele quer dizer que a espiritualidade distribui os dons do Pai. Mas como o destino humano não pode estar separado do destino da criação inteira, vamos abordar a seguir a solidariedade com o nosso planeta, cuja saúde inspira cuidados. Em seu estado deteriorado ele está a pedir nossa compaixão. Pois fazemos parte não só da comunidade humana, mas também da comunidade mais vasta formada por múltiplas espécies de plantas, animais e minerais. Assim, o conceito de espiritualidade fica mais amplo e abrangente, capaz de incluir a criação e o universo inteiros.

De novo levantamos a pergunta norteadora: Que significa caminhar com Deus hoje, no seguimento de Jesus? Significa ir ao encontro das pessoas marginalizadas. Sentir compaixão pelas vítimas da violência e da injustiça. A mesma indignação manifestada pelas vítimas do 11 de setembro de 2001 deve ser estendida a todas as vítimas da violência no mundo inteiro. Seguir Jesus hoje é encontrar Deus mediante a compaixão, que é a essência espiritual das grandes religiões da humanidade e seu elo de unidade (budismo e cristianismo, judaísmo e

islamismo, etc). A espiritualidade da solidariedade nos ensina a olhar o mundo sob a perspectiva das vítimas e não sob a falsa ótica do agressor. Sob a perspectiva do Iraque, vemos um povo traumatizado. Bush não entende porque o mundo o odeia tanto. As vítimas de sua política diabólica e mentirosa entendem melhor.

Resumindo, podemos afirmar que a espiritualidade da libertação une uma profunda mística com um radical compromisso social, feito de resistência e solidariedade. A conversão de Merton à compaixão se completa com a conversão à solidariedade. E a noite escura da alma se completa com a noite escura da injustiça em que vive a grande maioria da humanidade. A maior contribuição de Merton, sob a perspectiva latino-americana, é sem dúvida, o fato de ter sido precursor da espiritualidade da libertação.

A espiritualidade da libertação tem também uma vertente ecológica, chamada ecojustiça ou ecoespiritualidade, que ressalta o compromisso com a paz e a justiça para com a natureza/criação, bem como a interconexão de tudo com tudo, tendo Deus como “o fundamento oculto do amor” (*The Hidden Ground of Love*). Inclui a nossa habitação terrestre, assumida em sua beleza e fragilidade; e a corporalidade como condição de nosso estar no mundo, o corpo martirizado de tantas vítimas da violência, bem como a corporalidade dos animais e plantas, o que possibilita uma relação de cuidado, interdependência e intimidade com elas.

### 9.1.3.

#### **A espiritualidade da criação: A dimensão espiritual do universo**

A espiritualidade da criação em Merton tem como base a presença imanente da *Sophia* no universo, e por isso adquire um caráter sacramental e teofânico<sup>843</sup>. O universo é expressão da glória de Deus (*kabod*). Destarte, Merton inclui no conceito de compaixão também o mundo não humano. Por ter morrido prematuramente, ele não deixou tratados sobre ecologia, que então era ainda uma ciência embrionária. Mas ao longo de toda a sua obra encontramos pistas valiosas, como a de que a natureza nos ensina a ligação de tudo com tudo e é curadora.

---

<sup>843</sup> WERNER, Dietrich. Estudos “*Humanum*”. *DICIONÁRIO DO MOVIMENTO ECUMÊNICO*. 2ª ed. Genebra, 2003. Petrópolis: Vozes (no prelo).

<sup>844</sup> MERTON, Thomas. *The Collected Poems of Thomas Merton*. Nova Iorque: A New Directions Book, 1977, p. 363-371.

Também a percepção de que a natureza está sendo violentada levou-o a uma atitude de compaixão e à necessidade de agir, transformando sua espiritualidade abstrata em espiritualidade encarnada<sup>845</sup>.

A encarnação do Verbo na história é também sua inserção no universo, assumido como seu Corpo. Na integração de tudo com tudo, o Verbo assume o corpo humano, feito dos mesmos elementos materiais que compõem as estrelas e espaços interestelares. Numa linguagem poética, Ernesto Cardenal exprime essa verdade quando diz: “Em nossos corpos, todos os animais vivos e todos os fósseis estão em comunhão uns com os outros, juntamente com os metais e todos os elementos do universo... Toda a criação é um templo... Cada árvore, pedra, lagartixa, esquilo, coelho, meteorito, cometa e estrelas para nós é santo”.<sup>846</sup>

A espiritualidade da criação começa com o assombro e enlevo diante do mistério que envolve a origem do universo, da vida e do planeta Terra, com tudo o que ele contem. Merton sente assombro diante da grandeza do universo<sup>847</sup>. O assombro aponta para a dignidade de todas as criaturas. O assombro diante do mistério da criação nos ajuda a encontrar Deus. Jesus também sentia assombro diante da beleza dos lírios do campo e das aves do céu. O assombro é feito de escuta atenta, amorosa e despreocupada e de pura gratuidade. O assombro é o sentido de enlevo inspirado pelo sublime ou sentido na presença do mistério. O assombro é anterior à fé. Merton reconhece a importância da teologia e da mística de Teilhard de Chardin para responder aos desafios da era espacial na qual vivemos, especialmente a “santidade da matéria”.<sup>848</sup>

Dissemos já na Introdução deste trabalho, que místico ou contemplativo é a pessoa que descobre a sacralidade da vida e das criaturas, e por isso nutre uma espiritualidade da criação. Criação é nosso universo, formado por bilhões de estrelas e planetas, bem como por nós humanos, que nele temos nossa morada. Frente a essa vastidão espacial tão infinita, devemos sentir, não a nossa pequenez, mas a nossa grandeza, capaz de perceber e transformar em celebração o hino do universo. É o que faz a espiritualidade da libertação, que considera o menor dos

---

<sup>845</sup> DWL 240.

<sup>846</sup> CARDENAL, Ernesto. *Abide in Love*. Prefácio de Thomas Merton. Nova Iorque: Orbis Books. 1995, p. 155-157.

<sup>847</sup> DWL 258, 321, 324-325.

<sup>848</sup> DWL 260. Ele cita aqui explicitamente a obra teilhadiana *Le Milieu Divin*, apontando para a transcendência na imanência. Acima de tudo e em tudo Deus.

seres humanos como maior do que o universo inteiro, pois é capaz de amar, de ser a sua voz, consciência e coração.

O Divino Esposo deixa-se encontrar em tudo. Merton toma da criação o estofado de sua oração de encontro com o mistério de Deus: flores, pássaros, sol, lua, onde o Criador-Trindade deixou seus vestígios. Ele irrompe em oração em qualquer lugar. Sua mística é, portanto, terrestre. Sua oração inclui todos os sentidos humanos. Sobre tudo o da visão: daí a importância que atribui aos ícones. Contempla Aquele que nos está vendo e nunca retira o seu olhar amoroso de nós. Vê o Esposo não só nas Escrituras e na liturgia, mas também na natureza, onde sua presença sacramental se manifesta tangível e palpável no mistério de cada uma das criaturas, que ele sabia observar com tanta perspicácia e captava com sua máquina fotográfica.

Essa espiritualidade encarnada, como vimos na Parte I, segue através do itinerário agostiniano franciscano de Merton, começando pela via exterior da criação. Ele percebia na natureza/ecologia as marcas e pegadas do Criador-Trindade. Tal itinerário funda uma espiritualidade da criação com urgente atualidade no presente e maior ainda para os anos vindouros. Se a criação é “*Ars Patris*” e “*pulcherrimum carmen*”, ela se transforma em sacramento da presença da Trindade Criadora que nela faz sua morada (*shekiná*).

A espiritualidade da criação contempla essa inabitação do Deus Trindade na criação e em nós, desde o instante em que nascemos. Assim, “o universo é um texto trinitário... e as criaturas são como letras de um alfabeto”.<sup>849</sup> A Terra é então morada de Deus e dos humanos e não humanos. Nós mesmos somos feitos da mesma matéria que os minerais, vegetais, os planetas e galáxias, o que amplia infinitamente o nosso parentesco para além dos laços familiares e nacionais, e determina nossa pertença ao Planeta que nos agasalha. Daí a reverência e solidariedade para com a Terra, que é o início e fim de nossa peregrinação humana. Somos feitos do pó da terra seres viventes capazes de crer, esperar e amar.

A espiritualidade da criação nos capacita a perceber a Presença Total de Deus e a encontrá-lo no mistério da mãe Terra e “nas miríades formas nas quais ela se torna palavra: no murmurar do vento que sopra onde e quando não sabemos,

no cantar dos pássaros, no farfalhar das folhas e no som perene dos oceanos. O Divino pulsa nesse desejo telúrico primordial que faz o sol nascer, brilhar e se pôr, que faz as sementes brotarem, as árvores darem frutos, as estrelas cintilarem e a lua transformar em prata tudo o que toca”.<sup>850</sup>

É o Eros que nos vincula à totalidade do universo, nos desperta para a beleza da criação, do Criador e das criaturas, bem como para a bondade da Vida e para a dimensão de ternura. Eros é o desejo de fruir do Ser e do Bem. Está presente também em nossa relação com a ecologia: plantas, flores, o cultivo do jardim e até na vocação que seguimos.

A espiritualidade da criação reconhece e celebra a dimensão do sublime presente na harmonia que regula o universo, do grão de areia ao espaço sideral. A *Hagia Sophia* está presente no mistério do ser, na criação *ex nihilo* do ser humano. Daí a nossa dignidade criatural, que nos leva a profunda humildade. Está presente também no mistério da vegetação e do cultivo, no ato aparentemente banal e corriqueiro de tomar um copo de água, comer um fruto ou um pedaço de pão. O pão em si mesmo já é um milagre, ao qual concorrem o sol, a chuva, o solo e o trabalho humano. “Cada vez que tomamos um copo de água, somos lembrados do eterno mistério da criação. Um ato trivial e uma referência ao milagre supremo. No ato de comer um pão ou um fruto... experienciamos...o escondido amor e a sabedoria presente em todas as coisas”.<sup>851</sup>

Mas a criação é frágil. A mesma fragilidade e vulnerabilidade da criação e dos humanos é compartilhada por Deus, que também se torna vítima da violência. A liberdade humana é que põe o mundo em constante perigo como vimos no 11 de setembro de 2001. Sem essa liberdade, seríamos como marionetes incapazes de sermos santos ou pecadores, e essa mistura ambígua de ambos em todos nós.<sup>852</sup> A ameaça da criação voltar ao caos é permanente. Armas de destruição em massa continuam estocadas em silos subterrâneos e basta um toque de botão para acioná-las. Além delas, antrax e armas químicas.

---

<sup>849</sup> CLÉMENT, Olivier. *The Roots of Christian Mysticism*, 3a ed. Londres: New City, 1999, p. 214-215.

<sup>850</sup> KAPPEN, S. *Spirituality...* p. 32.

<sup>851</sup> *GSM* 49.

<sup>852</sup> BUECHNER, Frederick. *Walking in The World with a Fragile God. Walking with God in a Fragile World*. Nova Iorque: Littlefield Publishers. 2003, p. 5

A fragilidade e vulnerabilidade da criação nos interpelam a assumir a ecoespiritualidade. Pois, como diz Thomas Berry: “Se as águas do mundo ficarem poluídas, não podem ser consumidas para o refrescar físico, nem usadas para o batismo, pelo fato de se terem transformado em símbolos de morte e não de vida”.<sup>853</sup> Igualmente o ar poluído deixa de ser uma metáfora do Espírito, e a montanha perde a transparência, e deixa de ser uma metáfora para a subida rumo a Deus.

Resumindo, podemos afirmar: A consequência da Presença Total é que podemos experienciar o mistério do encontro com Deus durante as vinte e quatro horas do dia, se não ficarmos insensibilizados pela rotina, conformismo e indiferença diante do mistério que nos envolve por todos os lados. Ser seguidor de Jesus hoje significa tomar consciência dessa inabituação divina e encontrar nela o caminho da felicidade humana.

Unicamente o ser humano é capaz de transformar em celebração eucarística o mistério da criação, experienciado com assombro e enlevo. O pão e o vinho da Eucaristia são representantes de todos os frutos da terra, como o nosso café, cacau, milho, banana e coco. “O universo inteiro é um festivo canto coral numa festa de núpcias, cujo som já escutamos de longe, e cujas luzes já vislumbramos na escuridão da noite”.<sup>854</sup>

---

<sup>853</sup> McDANIEL. *Earth, Sky, Gods and Mortals: Developing an Ecological Spirituality*. Connecticut: Twenty Third Publications, 1990, p. VI.

<sup>854</sup> CARDENAL. *Abide in Love*. Op., cit., p. 164.